

TOMAZ  
DE FIGUEIREDO

DICIONÁRIO FALADO  
SEGUIDO DE  
AS MINHAS RIBEIRINHAS



IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

*Título:* Dicionário Falado  
seguido de  
As Minhas Ribeirinhas

*Autor:* Tomaz de Figueiredo

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* UED/INCM

*Capa:* desenho inédito de Júlio Gil

*Tiragem:* 1000 exemplares

*Data de impressão:* Novembro de 2009

*ISBN:* 978-972-27-1825-7

*Depósito legal:* 300 755/09

## O DICIONÁRIO DE «SERRANÊS»

A minha grande mestra, hoje, na vez dos antigos meus Franciscos Gomes (o Mata-Leões, tantos... que são já dos ciprestes e da saudade), vem a ser a senhora Lucília Gomes Guedes, de Aldeia de Cima e rodeios de Armamar, caseira, perto de feitora do poeta Fausto José, anfitrião amigo com quem turro politicamente (é Pombalista!) e a cuja lareira asso castanhas, oiço papejar e apitar o vapor dos potes e aprendo Português, que mo ensina aquela senhora Lucília. Eu, sempre de orelha fita [...], apanhada ela em modismos, supostos arcaísmos [...], até em ditos, filosofias e sentenças muito lá da sua casa, e eu a querer ouvir melhor, a pedir-lhe repetição. Ela:

— Já vai para o livro!

Sabe que vou apontando riquezas de que nem alcança a valia em caderninhos de capa preta, de oleado comercial.

TOMAZ DE FIGUEIREDO, p. 301.

1. *Em 1970, Tomaz de Figueiredo, já indubitavelmente com uma intensa e muito respeitável vida literária (tinham sido editados os seus principais livros, A Toca do Lobo, Nó Cego, Uma Noite na Toca do Lobo, Procissão dos Defuntos, A Gata Borracheira, Dom Tanas de Barbatanas, Vida de Cão, parte de Monólogo em Elsenor ou ainda Tiros de Espingarda, para não falar no teatro e na poesia), publica uma obra singular intitulada*

Dicionário Falado, e ainda bem. Singular porque não tem paralelo no âmbito da literatura portuguesa, o que lhe assegura um privilégio inaugural. Difícil de classificar, o que faz dela um texto em certa medida aporético, escapa à lógica orgânica de qualquer género definido pela instituição literária («livro sem pés nem cabeça», como diria o escritor nas palavras introdutórias, p. 37) e lembra aquelas obras inesperadas e algo extravagantes, por resistirem ao fechamento das formas, que por vezes saem da lavra de autores consolidados e maduros ou até de nomes canónicos (como, por exemplo, o truculento, e cheio de mordaz ironia, dicionário Rol de Cornudos, do consagrado Camilo José Cela; ou Os Privilégios, obra póstuma e de índole marcadamente autobiográfica do irrepreensível Stendhal; ou ainda Rousseau juge de Jean-Jacques, os três diálogos, acomedidos por uma lógica fantasmática e por um cunho algo delirante, que Rousseau escreveu entre 1772 e 1776, ou então o não menos portentoso poema em prosa Le Levite d'Éphraïm, composto pelo filósofo a caminho do exílio em 1762)<sup>1</sup>. Qual (exi-

---

<sup>1</sup> E nestes casos o que costuma suceder é que a reconhecida qualidade dos restantes livros de tais autores acarreta a desvalorização, ou melhor dizendo, o obscurecimento desses textos, digamos, excêntricos e marginais, muito embora com uma certa complacência paternalista: a qualidade canónica da obra tolera sem problemas a eventual menoridade de um texto desviante. A proficiência literária da restante obra não

*mio) etnógrafo da língua («caçador dessas esmeraldas que nas minas gerais das serras e vales só hoje verdecem», p. 156), Tomaz de Figueiredo, dominado pelo afã de legar à posteridade o que lhe pareceu pouco menos que condenado a desaparecer, elaborou, sem pretensões de exaustividade, uma lista bem razoável de palavras e de expressões castiças de cariz popular e regionalista, detendo-se a explicar estas singularidades impenetráveis e pitorescas do português.*

2. *A edição da obra revelou-se também assaz singular, como não deixa de explicar com algum pormenor o texto que lhe serve de introdução: «Aí por 1956 e em Maio, respondendo a Pedro de Moura e Sá, ideeí umas falas de Língua Portuguesa, comentando palavras e locuções que, de rapaz, recolhera do povo, como sigo recolhendo [...], falas que, semanais, eu leria aos microfones da Emissora Nacional da Radiodifusão. Apresentaria as palavras na boca de quem as dizia, na época e circunstâncias, no pitoresco, no vivo.» (P. 37.) O projecto não foi adiante. O escritor não desarma e aposta, não sem alguma audácia, na*

---

ficaria forçosamente manchada pela notória visibilidade que o texto desconcertante retira de poder ostentar, à semelhança dos outros, o nome reputado e prestigiado do autor. Se bem que irremovível, o texto desviante estagnaria numa condição aceitável pela restante obra: a de texto inócuo.

*Radiotelevisão: «Via eu um programa em que os Dicionários, lidos por mim, só presente a minha voz, ausente a minha calva, fossem visualmente ilustrados pelos figurantes em cujas bocas dependurava palavras e locuções ainda fora do Vocabulário da Língua, ou nele erradamente definidas, o que não é raro.» (P. 39.) A proposta também não colhe aceitação, restando, por fim, a possibilidade do tradicional formato livresco. O texto, ainda que de modo imprevisto, não escapou portanto a ser livro.*

*Este atribulado percurso de edição das «falas de Língua Portuguesa» pode não ter uma relevância excepcional, mas não deixa de ser ainda assim significativo (tão significativo, aliás, que vem assinalado sem parcimónia nas páginas de abertura da obra). E isto porque, ao propor os textos à rádio e à televisão, Tomaz de Figueiredo pretendia literalmente fazer de Dicionário Falado um dicionário falado, isto é, ouvido e não lido. A condição de livro, por força de circunstâncias adversas e de vicissitudes várias, vem anular toda essa dimensão oral que meios de difusão como a televisão e a rádio garantiriam, não impedindo, porém, que o talentoso escritor, que mobiliza com facilidade a língua escrita como se fosse falada, imprimisse uma vivacidade e um dinamismo notáveis à matéria narrada. Por outras palavras, o facto de Dicionário Falado ter sido inicialmente pensado como tal explica com certeza o modo bem oral como se apresenta em termos de Dicionário escrito (os diálogos abundam, o estilo coloquial é constante, temos a cada passo uma pontuação muito afim da oralidade, etc.). Ou como diria*

o escritor: «O Dicionário duma Língua é um cemitério. O meu, falado, quero-o um jardim de vivos.» (P. 223.)

Este investimento, digamos, na vitalidade não é despiciendo na hora de demarcar Dicionário Falado dos outros dicionários, como faz Tomaz de Figueiredo: «Nada tão falho, nada mais depenado que o Dicionário, e o curioso da Língua enxofra-se e castiga o dicionarista pelo P. S. F. (Pensamento sem Fios), dirige-lhe nomeadas bravias e clássicas.» (P. 259.) O Pensamento com Fios, presume-se, obtém-se por intermédio de um estilo solto e oral, capaz de conectar com digressões, com pequenas histórias, com diálogos, e com tudo o mais que possa imprimir a um texto uma coloquialidade apreciável. Esta é uma diferença capital entre Dicionário Falado e os demais.

Outra discrepância, a apelar à depreciação sem reticências, seria a pobreza confrangedora dos dicionários usuais, visto que das duas uma: ou não incluem a panóplia de termos raros e arcaicos que o paciente escritor descobre no mundo rural do Alto Minho (o português castiço do povo rural que, a julgar pelo que nos diz, substituiria com ganho o dos lexicógrafos); ou então confinam-se a definições parcas (quando não ambíguas) e desprovidas das diversas acepções que um vocábulo possa ter ou das subtilezas mais recônditas e finas que possa supor nos actos de fala pastorais que o actualizam (leia-se, dicionários órfãos daquela vida que as narrativas do autor de *Conversa com o Silêncio* garantem). Em suma, os dicionários usuais não dispensam Dicionário Falado sem danos, como assinala Tomaz de

*Figueiredo em diversas passagens. Por todas elas, leia-se esta: «O Dicionário da Língua já sabe da cora, sem saber para o que serve. Diz ele que é o brasido que se conserva à boca do forno, enquanto neste se metem as broas. E que vem de corar. / Passemos por essa pobreza de ‘meter no forno’, que bem podia escrever ‘enfornar’.» (P. 289.)*

3. *Dicionário Falado reúne palavras confinadas a um meio popular e regional, como se disse, palavras e locuções pitorescas, insólitas, inabituais, desusadas, ou se quisermos, tipicidades idiomáticas inencontráveis na cidade. Trata-se de um precioso repositório que regista vocabulário e usos da língua de outrora e a caminho da extinção. A elaboração da obra — e a teimosia em publicá-la — correspondeu à persistente afirmação de uma irredutível convicção (quase a fazer de Dicionário Falado um texto, para além de tudo o mais, de pendor pedagógico e catequético): a convicção fervorosa e doutrinária de que o valor da língua, que tende a confundir-se com o valor literário, se afere, ainda que ao arrepio de alguma gramática estranha e irregular (a sintaxe discordante, por exemplo), pelos seus usos populares. No povo rural e agreste floresceria a língua pura («Torna, ó palavra lá dos meus sítios, selvagem, com quem o Dicionário ainda nada quis, de tojo, mas de tojo florido de oiro e de abelhas! Torne a palavra pura!», p. 241) e desafectada, vale dizer, a boa língua. As aldeias, e não tanto os literatos, seriam um nicho de bom português. Se a convicção não é nova e denuncia a*



*matriz de um certo nacionalismo cultural (outros a partilhavam in illo tempore), a intenção prática de um dicionário não deixa de ser pioneira. Sem concessões, Tomaz de Figueiredo entrega-se à laboriosa missão de registar palavras que os lexicógrafos acaso considerariam obsoletas, como quem salva um bem precioso, ainda que com a mágoa de que, faça o que fizer, virá o dia em que a palavra terá o seu inevitável fim por carecer de falantes. «Por quantos anos, palavra viva, hás-de viver ainda?» — escreve, por exemplo, a propósito do insólito termo licante — «Eu deixo-te aqui, deixei-a já em livros, e os dicionaristas fizeram vista grossa.» (P. 60.)*

*Num breve parêntesis, refira-se que é difícil não suspeitar que possa haver algum benévolo leitor, por considerar com inteira justeza a língua enquanto organismo vivo que não pára de evoluir, susceptível de assimilar a cada passo neologismos (literários, técnicos, populares) e passível de se desembaraçar de palavras mais vetustas, que possa haver algum benévolo leitor, dizíamos, tentado a avaliar a meticulosa tarefa do autor de Viagens no Meu Reino na proporção de um empreendimento inútil (ou quixotesco). Algo um tanto análogo ao absurdo e irrelevante colecionismo empreendido por Bouvard e Pécuchet («A história da debilidade do pensamento», diria Maupassant do louco empreendimento intelectual desta parelha, qual Biblioteca de Babel de Borges, que hoje em dia a internet em boa verdade tende a concretizar). A apreciação seria inteiramente descabida. Não só porque as personagens de Flaubert encarnam,*

*como é sabido, e de um modo tão risível como desoladoramente sísifo, o culto superficial do saber (as banalidades da vida intelectual), mas igualmente — convém recordá-lo — porque a língua, a despeito de toda a evolução que sem dúvida sofre, é um bem patrimonial tão merecedor de protecção como qualquer monumento histórico*<sup>2</sup>.

*De resto, e a legitimar a actualidade de Dicionário Falado, para assinalarmos um caso recente e com alguma convergência com o que empreendeu Tomaz de Figueiredo, veja-se o que se passou em França há uns anos. O filósofo Luc Ferry, na qualidade de Ministro da Educação (sob a Presidência de Jacques Chirac), propôs-se levar a efeito uma política da língua extremamente interessante e que consistia em defender o francês resgatando precisamente do esquecimento palavras inclinadas para o desuso. Quer dizer, salvaguardar o mais possível o léxico enquanto capital simbólico em vias de extinção, partindo do salutar princípio de que as palavras constituíam um valor patrimonial a preservar. «Lorsque le vocabulaire s'appauvrit» — dizia então Luc Ferry — «ce sont les relations humaines qui*

---

<sup>2</sup> Em São Paulo, a mostrar como pode tomar corpo uma conceptualização materialista da língua, existe mesmo o chamado Museu da Língua Portuguesa, também conhecido por Estação da Luz da Nossa Língua, museu que obedece ao intuito de oferecer facetas inusitadas do Português como língua materna.

*s'appauvrissent. La lutte pour le maintien de la richesse du vocabulaire et de l'expression est une lutte pour la pensée elle-même.»*<sup>3</sup> É certo que não terá estado nas intenções do ministro Luc Ferry apenas pugnar pela sobrevivência das palavras mais populares em detrimento de outras, sancionando o bem falar pelo povo dos campos e das serras, como fez Tomaz de Figueiredo.

4. Nesse sentido, o autor d'A Outra Cidade, não temendo os eventuais sobressaltos orais impostos à escrita e, dir-se-ia, desejoso de suspender o tempo que torna certos usos de linguagem da província anacrônicos, socorre-se de mestres de língua acantonados nas serras e desprovidos de pretensões literário-culturais. Em jeito de sentida homenagem, escreve a certo momento: «Adelina Inácia, a minha serva serrana, que encavalita na penca de cinquenta anos uns vidros com dedadas, elípticos, sábios, é uma enciclopédia clássica. Além da lide caseira — mulher com a doença de tudo fresquejar: lava e espana, escova, assopra —, ensina-me Português.» (P. 130.) Esta inversão, que atribui à «serva» doméstica, autêntica «enciclopédia clássica», a função fulcral, por entre as limpezas caseiras, de ser mestra

---

<sup>3</sup> Luc Ferry, «Ce que je veux pour la langue française», entrevista concedida a François Busnel, in *Lire*, n.º 323, Março de 2004, p. 34.

*de Português do grande escritor, repete-se amiúde ao longo de Dicionário Falado*<sup>4</sup>. Longe de gente sofisticada e, com isso, afastado do português elaborado ou pretensioso, Tomaz de Figueiredo entrega-se à exaltação antropológica sem reservas dos simples. Numa atitude demonstrativa de um certo anti-intelectualismo, preza e elogia a simplicidade de pessoas pouco letradas, a quem presta demorada atenção, sempre aberto à possibilidade de com elas aprender, como afirma lapidarmente neste singelo excerto: «E aprendo. Eu aprendo sempre dos simples.» (P. 155.) Aprende, atento e vigilante, a língua que os dicionários não registam ou registam mal: «Foi a um velho muito velho a quem ouvi chamar parda à galinhola. Foi a um António Dias da Fonte, de alcunha hereditária Fanfarra, que viveu no lugar de Bouças-Donas e freguesia de Cabana Maior, do concelho de Arcos de Valdevez.» (P. 195.)

A veneração evidente, para não dizer fascínio, pelo que as gentes simples lhe possam ensinar do muito que guardam de geração em geração, esta sintonia absoluta com o povo das

---

<sup>4</sup> Noutra passagem, temos outra criada desta forma não menos elogiosa: «Autorizada professora de locuções populares tive na Maria Rodrigues.» (P. 174.) Noutro trecho, e a propósito do termo *mochanas*, referir-se-á afectuosamente à Maria Rodrigues como a «minha Maria Velha, minha mestra analfabeta» (p. 210), com a ajuda da qual afronta «as omissões do Dicionário» (p. 211).

## ÍNDICE

<i>O dicionário de «serranês», por SÉRGIO GUIMARÃES DE SOUSA</i> .....	9
<i>Observação</i> .....	31
<b>Dicionário Falado</b> .....	33
Umhas poucas de palavras do Autor .....	37
Os «ginetes» .....	43
O «falso» .....	49
O «licante» .....	55
As «regateiras-de-abril» .....	61
O «estrelim» .....	67
Isso de «andar à róla» .....	73
A vinha «em cachão» .....	79
O «passete» .....	85
«Murta», «murtar» e «murtouro» .....	91
Isso do «caminho-sem-fim» .....	97
Isso de «escaldejar» .....	103
Isso de «lapador» .....	109
Isso de «fazer o sete» .....	115
Isso de «peeiras» .....	121
O arroz de goldras .....	127
Fazer na meia, etc. e tal... ..	133
Aldeiagantes .....	139
A morte dos passarinhos? .....	147
Viagens de «tróina» e «troinar» .....	153
Comer focinho de porco .....	159
Os «imperadeiros» .....	165

Donas púcaras & calça-púcaros .....	171
Isso de «gábedo» .....	179
Semear centeio .....	185
Notícia da parda .....	193
Pulgas ou «guifas» .....	201
Lugar às «mochanas»! .....	207
Notas de cara de gato .....	213
«Peteiro» = mealheiro .....	219
O manto de seda .....	225
Uma «tufa» de pão .....	231
Doce de... «cirgalhota» .....	239
A Maria das pernas compridas .....	245
A Quinta dos Calados .....	251
Fazer bexiga .....	257
«Pousa», substantivo feminino .....	263
«Fronha» = máscara .....	269
«Bolear» e «boleadela» .....	275
«Ladras», «rocões» & «biscalheiras» .....	281
A «cora» .....	287
«Girotos» e «caldeireiros» .....	293
«Viúvas» e «gatas reminiscadas» .....	299
<b>As Minhas Ribeirinhas</b> .....	<b>311</b>
<i>Esclarecimento,</i> por MARIA ANTÓNIA DE FIGUEIREDO .....	<b>313</b>